

A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Rosângela Saldanha Pereira^{*}
Danielle Almeida dos Santos^{**}
Waleska Borges^{***}

RESUMO

O presente artigo examina as características da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho, particularmente no que se refere às ocupações e aos diferenciais de rendimentos em relação aos homens. Constatou-se que há dois pólos de ocupação, e que a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho se deve principalmente a evolução dos valores sociais que teve como consequência o aumento de escolarização. Há desigualdade de renda entre homens e mulheres, mesmo estes possuindo as mesmas características. Apesar da crescente evolução da mulher no mercado de trabalho ainda é persistente a discriminação de gênero.

Palavras Chaves: mulher, mercado de trabalho, discriminação.

ABSTRACT

The present article examines the characteristics the evolution the participation the woman in the work market, particularly as for the occupations and to the differentials of incomes in relation to the men. One evidences that it has two polar regions of occupation, and that the increasing insertion the women in the work market if mainly must the evolution of the social values that had as consequence the escolarização increase. It has inequality income between men and women, exactly these possessing the same characteristics. Despite the increasing evolution of the woman in the work market still the discrimination sort is persistent

Key Words: woman, market of work, discrimination

1 INTRODUÇÃO

Existem diversos motivos pelos quais a inserção da mulher no mercado de trabalho deve ser estudada e analisada. Em primeiro lugar, ela produz forte impacto nas relações sociais, pois implica uma mudança de “paradigma” familiar e cultural. Outro motivo, não menos importante é relacionado com a discriminação de gênero, tanto em relação a diferenciais de salários quanto a postos de trabalho.

Este artigo trata da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho, procurando verificar as principais ocupações em que estão se inserindo e como estão sendo remuneradas. As regras do início do séc. XX diziam que a mulher

* Professora Doutora do dep. De economia da Universidade Federal de Mato Grosso

** Graduanda do 4º ano do Curso Ciências Econômicas da UFMT.

*** Graduanda do 5º ano do Curso Ciências Econômicas da UFMT.

deveria trabalhar fora do lar, e que o marido era o provedor da casa. As mulheres menos favorecidas financeiramente ou as que haviam perdido o marido partiam para atividades pouco valorizadas e discriminadas pela sociedade. A partir dos anos 70 após a ocorrência de movimentos sociais mundiais a cultura da sociedade foi se modificando. As mulheres começaram a conquistar espaço no mercado de trabalho, aumentando o seu nível de escolaridade.

Hoje em dia é difícil encontrar postos de trabalho que não tenham sido invadidos pelas mulheres. Elas são sensíveis, persistentes, criativas e, ainda por cima, enfrentam dupla jornada de trabalho, ou seja, deve-se levar em conta que a maioria das mulheres, quando chega em sua casa, precisa cuidar dos afazeres domésticos.

A inserção da mulher no mundo do trabalho, ao longo desses anos, vem acompanhada de elevada discriminação, não só em relação à qualidade de ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal, mas no que se refere à desigualdade de remuneração entre homens e mulheres. (MAIA; LIRA, 2004).

O presente artigo está organizado em cinco seções além desta introdução. A primeira trata dos determinantes da expansão da mulher no mercado de trabalho; a segunda verifica a qualidade das ocupações do trabalho feminino; a terceira compara a remuneração dos homens e das mulheres; e, por fim na quinta seção estão as conclusões do trabalho.

2 PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

A expansão das mulheres no mercado de trabalho tem sido alvo de muitos estudos, pelo fato de ser um fenômeno recente e estar carregado de relações sociais. Estudos a respeito da crescente participação da mulher no mercado de trabalho concluem este estar relacionado a fatores culturais, demográficos e econômicos.

Há algumas décadas a porcentagem de mulheres economicamente ativas tem aumentado consideravelmente. Isso se deve também, entre outros fatores, aos movimentos políticos e sociais ocorridos no mundo entre as décadas de 60 e 70. Essa mudança de padrões culturais impulsionou as mulheres a estudarem mais e a participar do mercado de trabalho de forma consistente.

Vários estudos sobre a crescente participação da mulher no mercado de trabalho concluem que esse aumento das mulheres tem vários motivos, e não somente a mudanças de padrões culturais. “Na literatura nacional há um consenso de

que o fator primordial a determinar a “feminização” do mercado de trabalho é o aumento do nível de escolaridade da mulher brasileira nos últimos anos, graças à evolução dos seus valores sociais. Este fator tem levado também à queda da taxa de fecundidade devido à adoção de métodos anticoncepcionais, os quais se tornaram mais acessíveis e diversificados nos últimos tempos. Desse modo, mulheres mais instruídas acabam tendo menor número de filhos, o que as torna mais disponíveis para a atividade econômica.” (BRUSCHINI ; LOMBARDI, 1996 apud MAIA ;LIRA).

Outro fator de grande relevância para a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho refere-se a estagnação econômica, elevada inflação e mudanças na estrutura do emprego vividas pelo Brasil na década de 80. (LEONE, 1997). Esta autora ressalta que os fatores econômicos reforçaram a maior participação feminina no mercado na tentativa de evitar o empobrecimento das famílias, não deixando de considerar as profundas transformações sociais que vem ocorrendo ao longo dos anos.

Seja por motivos financeiros ou mudanças nos padrões culturais ou até por realização pessoal é fato que as mulheres tem entrado de forma consistente no mercado de trabalho. O que fica evidenciado em estudos de vários autores é que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho não correspondeu a uma diminuição da discriminação.

Para Abramo (2001) a maior participação das mulheres no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma diminuição das desigualdades profissionais entre homens e mulheres. Estas ocupam alguns setores e profissões, uma segmentação que torna mais forte as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

Vários estudos comprovam que as mulheres recebem menores salários, mesmo possuindo iguais características, como a escolaridade. Embora tenha se verificado mudanças importantes no mundo do trabalho, a questão da discriminação da mulher no mercado de trabalho permanece, pois os homens continuam ocupando os mais altos cargos e ganhando os maiores salários.

A presença das mulheres na força de trabalho no Brasil vem crescendo de forma expressiva nas últimas décadas. A mudança de valores culturais decorrentes dos movimentos políticos e sociais da década de 60 e 70 tiveram como consequência a maior escolarização das mulheres, inclusive nas carreiras universitárias.

A estagnação econômica sofrida pelo Brasil na década de 80 fez aumentar as desigualdades socioeconômicas e a pobreza. Esta autora ainda argumenta que a estagnação repercutiu na estrutura setorial e nas posições de ocupação do mercado

de trabalho, diminuindo a produção de bens e aumentando a de comércio e prestação de serviços. Nesse contexto de mudanças na estrutura do emprego e elevada inflação aumentou a participação da mulher na atividade econômica que vinha acontecendo desde a década de 70 por conta de mudanças políticas, sociais e culturais desencadeadas no mundo. Para sua inserção no mercado de trabalho as mulheres dependem de fatores de ordem familiar que muitas vezes limitam a sua maior expansão. (LEONE, 1997).

3 AS OCUPAÇÕES DO TRABALHO FEMININO

A participação da mulher no mercado de trabalho vem carregada de mudanças nas ocupações. Isso se deve ao fato de existir ocupações ditas essencialmente femininas, e outras masculinas. A maioria dos estudos na área verifica que a mulher no mercado de trabalho aumenta em quantidade, mas também muda de qualidade de ocupações, porque estão se inserindo em postos antigamente somente masculinos.

A crescente participação da mulher no mercado de trabalho tem sido alvo de grande discussão no meio acadêmico. Existem muitos estudos a respeito do assunto, que visam principalmente desvendar a dinâmica e a remuneração da mulher no mercado de trabalho. Dentre os estudos mais recentes podemos ressaltar o de Bruschini e Lombardi (1999) que afirmam que o trabalho feminino é caracterizado por possuir dois pólos opostos de atividades. No primeiro pólo se situam 40% das trabalhadoras brasileiras, possuindo baixos níveis de rendimento, de formalização e longa jornada de trabalho, provando assim a precariedade deste. No pólo oposto se verificam as boas ocupações, onde as condições de trabalho são melhores por possuir maiores níveis de formalização, rendimentos e proteção.

O trabalhador doméstico é a pessoa que presta serviços de natureza contínua e sem fins lucrativos à pessoa ou família, na sua residência. “O emprego doméstico é um dos maiores “guetos” femininos, na medida em que se trata de uma ocupação na qual mais de 90% dos trabalhadores são do sexo feminino.”(BRUSCHINI E LOMBARDI,1999, p.3).

Segundo Bruschini e Lombardi (1999) o serviço doméstico abrange 1/5 da mão-de-obra feminina. Estas podem ser mensalistas ou diaristas, para todo o serviço ou faxineira. As faxineiras ou diaristas trabalham como autônomas. As empregadas que moram no emprego são as mais pobres, negras, jovens, solteiras e migrantes.

O emprego doméstico é um dos mais precários do mercado de trabalho. A má qualidade dessa ocupação é constatada pelas longas jornadas de trabalho, a falta de carteira assinada e o baixo nível dos rendimentos. O IBGE em pesquisa (PNAD) destaca que 40% dos trabalhadores são mulheres e 17% são empregadas domésticas. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1999).

Por outro lado, após a década de 60 as mulheres estão cada vez mais presentes nas universidades. “Ao romper os padrões sociais que imputavam à mulher o casamento e a maternidade como alternativa primeira para a trajetória de vida, as jovens dos anos 70, passaram a colocar entre suas prioridades o estudo e a carreira profissional.”(BRUSCHINI; LOMBARDI, 1999, p. 22).

O que é preciso entender neste tópico é que a inserção da mulher é marcada por dois postos de trabalhos distintos, uns ruins e outros bons, no que diz respeito a jornada de trabalho, níveis salariais e condições de trabalho. Um desses postos demonstra a continuidade do emprego feminino – o trabalho doméstico – e o outro mostra as mudanças, ocupando postos antigamente masculinos.

4 A REMUNERAÇÃO DA MULHER

A maior autonomia das mulheres no mercado de trabalho não se traduziu necessariamente em igualdade em relação aos homens. Segundo o IBGE em 1991 a renda das mulheres equivalia 63,1% da dos homens. Já em 2000 esta relação subiu para 71,5% reduzindo-se a desigualdade entre homens e mulheres.

As mulheres de hoje são mais educadas do que foram há trinta anos atrás e já conseguem ultrapassar os homens. No Brasil entre os que têm curso universitário as mulheres superam os homens tanto nos que possuem curso completo quanto os que tem curso incompleto.

Os investimentos em educação da mulher têm impactos que vão muito além do seu progresso pessoal. As mulheres, quando educadas, cuidam melhor da sua saúde e da saúde da família, em especial, das crianças. Mães educadas ensinam bons hábitos de higiene para os filhos e orientam suas vidas de modo mais seguro. Além disso, a educação as leva a terem menos filhos, diminuindo o risco da gravidez indesejada e fazendo baixar a taxa de fertilidade da sociedade. Em outras palavras, a mulher ocupa um lugar estratégico na modelagem da sociedade.

A maioria dos pesquisadores enfatiza que o investimento na mulher produz resultados significantes. O impacto produzido na sociedade em geral é grande, devido

ao efeito multiplicador de uma boa educação da mulher. “Por outro lado, a intensa afluência das mulheres ao mercado de trabalho não foi acompanhada por uma diminuição significativa das desigualdades profissionais entre homens e mulheres. A maior parte dos empregos femininos continua concentrada em alguns setores de atividades e agrupada em um pequeno número de profissões, e essa segmentação continua estando na base das desigualdades existentes entre homens e mulheres no mercado de trabalho, incluindo as salariais” (ABRAMO: 2001; 78).

Ikeda (2000) em pesquisa sobre diferenças de remuneração no mercado de trabalho formal salienta que mesmo com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro as desigualdades em relação ao trabalho masculino ainda persistem. Ainda argumenta que mesmo no mercado de trabalho formal a segmentação por gênero existe, pois em todos os setores analisados a remuneração feminina é claramente menor que a masculina.

Grzybovski, Boscarin e Migot (2001) discutindo o mercado formal de trabalho no Brasil em relação ao papel da mulher executiva, através de levantamento de dados compreendidos entre 1990 e 1999 do Ministério do Trabalho e Emprego, IBGE, Ministério da Fazenda e universidades chegaram à conclusão que mesmo em cargos similares de gerência, as mulheres recebem remuneração inferior a dos homens.

Nos últimos 15 anos, entraram no mercado de trabalho do Brasil mais de 12 milhões de mulheres. Em 1998, a proporção de mulheres ocupadas era de 42%. Na década de 60, foi de apenas 23%. A expansão foi extraordinária. O trabalho da mulher fora de casa vem sendo estimulado pela demanda do mercado e pelo crescimento da sua competência profissional que decorre, em grande parte, da melhoria educacional.

O trabalho está se universalizando entre as mulheres. Na década de 60, as mulheres que trabalhavam fora de casa, em sua maioria, eram jovens, solteiras e sem filhos. Hoje são mulheres mais velhas, casadas e mães. Nos dias atuais, mais de 30 milhões de mulheres trabalham fora de casa no Brasil. Cerca de 50% estão no comércio, serviços e administração; 22% estão na agricultura; 16% na área social; 9% na indústria; 3% em outros setores.

Para a maioria dos casos, os salários das mulheres brasileiras são cerca de 25% menores do que os homens - para a mesma jornada de trabalho e com o mesmo nível educacional. As mulheres estão pouco representadas nos estratos de salários altos. Em contrapartida, elas predominam nos estratos de salários mais baixos. Se, de um lado, as diferenças salariais permanecem desfavoráveis, há de se

reconhecer que o poder de compra das mulheres vem crescendo de forma acelerada, despertando o interesse de inúmeros setores industriais. Para manter a boa aparência a mulher acaba comprando perfumes sofisticados, cosméticos e etc.

O mercado de trabalho mantém fortes desigualdades, principalmente em relação aos salários. No Brasil, o desemprego feminino fica sempre acima do masculino (10%) e a informalidade é mais alta entre as mulheres. Apenas 36% estão no mercado formal. Para a grande maioria de mulheres, faltam postos de trabalho de boa qualidade. Além disso, as mulheres trabalham mais do que os homens. Na verdade, o uso do tempo da mulher é muito diferente do homem. O tempo remunerado é maior entre os homens e o não remunerado é maior entre as mulheres.

Mesmo as mulheres trabalhando fora, elas fazem a maior parte do serviço de casa. Em certos ciclos de vida, o trabalho se torna extremamente intenso. Isso ocorre quando se combina o trabalho fora de casa, com os afazeres domésticos e o cuidado das crianças pequenas. Por tudo isso, conclui-se que a mulher trabalha muito mais tempo do que o homem. Os trabalhos desempenhados pelas mulheres, como os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos, possuem dificuldade de mensuração. Há grande discussão do momento é com relação à mensuração dessa reprodução social feita pelas mulheres, capacitando profissionais física e psicologicamente.

5 CONCLUSÃO

O mundo da mulher passa por uma enorme transformação. Nos últimos 30 anos, as mulheres ganharam muito mais liberdade do que ao longo de toda a sua história. A elevação do seu nível educacional e a redução do tamanho da família - além das necessidades econômicas de contribuir para o orçamento familiar - fizeram da mulher um elemento fundamental no desenvolvimento das nações.

A evolução das mulheres no mundo do trabalho fez com que suas características fossem se alterando, passando a ocuparem postos de trabalho tidos como masculinos. A forte entrada das mulheres nas universidades produziu um impacto nas carreiras profissionais de prestígio, onde antes predominavam os homens. Hoje elas estão ocupando postos cada vez mais elevados em empresas, e estão se inserindo de forma consistente nas carreiras técnicas e científicas.

Porém todas essas reestruturações que se seguiram no mundo do trabalho com relação às mulheres, continuaram produzindo uma segregação por gênero, ou

seja, mesmo as mulheres possuindo as mesmas características profissionais que os homens, elas continuam recebendo menores salários. Fica ressaltado neste estudo a necessidade de estudos mais aprofundados que adotem uma perspectiva de gênero no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. A situação da mulher latino-americana. O mercado de trabalho no contexto da reestruturação. **Mulher e Trabalho Experiências de ação afirmativa** S.P, Boitempo Editorial, abril de 2000.

www.fase.org.br/proposta/99-89/Lais.PDF Data de acesso: 22/08/2004

BRUSCHINI, Cristina. LOMBARDI, Maria Rosa. *A Bi-Polaridade do Trabalho Feminino no Brasil: O Emprego Doméstico e as "Novas" Ocupações*. Mulher e Ocupação 1999.

GRZYBOVSKI, Denize. BOSCARIN, Roberta. MIGOT, Ana M. B. **Mercado Formal de Trabalho e a Mulher Executiva**. Teor. Evid. Econômica v. 09 n. 16 p. 79-100 maio/2001 Passo Fundo.< www.upf.tche.br/cepeac/artigo05>. Data de acesso: 23/08/2004

IKEDA, Marcelo. **Remuneração por Gênero no Mercado de Trabalho Formal: Diferenças e Possíveis Justificativas**. Texto para Discussão n. 82. Rio de Janeiro. Setembro/2000

MAIA, Katy; LIRA, Sachiko Araki. **A mulher no mercado de trabalho**. IPEA <www.ipea.gov.br/seminários/artigo11>. Data de acesso: 22/08/2004